

Umberto Eco em Coimbra : memória de uma investigação

Umberto Eco in Coimbra : memory of an investigation

Pedro Miguel Gon¹

RESUMO

Neste artigo revisita-se e aprofunda-se uma investigação sobre a presença de Umberto Eco em Coimbra, que resultou num texto publicado no *Diário de Coimbra*, ao qual foi concedido o Prémio de Jornalismo Adriano Lucas 2019. Sobre o artigo de jornal original, intitulado “Em Busca de Umberto Eco”, reconstrói-se neste texto a investigação então realizada e reorganizam-se de modo mais sistemático os dados fundamentais apurados durante aquela investigação. Apresenta-se aqui: a data em que Umberto Eco esteve em Coimbra; os espaços por onde andou; que tipo de conferência foi a sua; quem teria sido a personalidade coimbrã a conduzi-lo pela Biblioteca Joanina.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca Joanina, visitantes; Coimbra, visitantes; Eco, Umberto, 1932-2016; Figura de relevo

1 <https://orcid.org/0000-0001-9738-6955>; pedro.miguel.gon@sapo.pt

ABSTRACT

In this article we revisit and deepen the investigation about Umberto Eco's presence in Coimbra that resulted in a text published in the *Diário de Coimbra*, to which was awarded the Adriano Lucas Journalism Prize 2019. Starting from the original newspaper article entitled "In Search of Umberto Eco", the current text reconstructs the investigation carried out at that time and the fundamental data gathered during that investigation are reorganized in a more systematic way. We approach here: the date Umberto Eco was in Coimbra; the places where he went; the type of conference he delivered; who could have been the Coimbra personality who led him through the Joanina Library.

KEYWORDS

Coimbra, visitors; Distinguished visitor; Eco, Umberto, 1932-2016; Johannine Library, visitors

Umberto Eco foi uma das figuras incontornáveis da cultura mundial na viragem do séc. XX para o séc. XXI. Quando morreu, em 2016, tinha alcançado tal popularidade que gozava de um estatuto de celebridade equivalente ao das estrelas da música Pop e do cinema Hollywood. Em Portugal, Carlos Vaz Marques apresenta-o, em 2011, como "*provavelmente o intelectual mais famoso do mundo*" (Ler, nº101, p.29). A parangona do jornal *La Repubblica* ao anunciar a morte de Umberto Eco está repleta de significado: "*Morreu o escritor Umberto Eco. Sentiremos falta do seu olhar sobre o mundo*".

Uma figura mediática deste calibre só visita locais de indiscutível interesse e os espaços por onde passou não deixam de despertar a curiosidade de quem se interessa por tais figuras. Ora, Umberto Eco foi um dos mais ilustres visitantes de Coimbra e havia todo o interesse de saber em que circunstâncias o havia feito.

Tendo por objetivo clarificar o episódio da passagem de Umberto Eco por Coimbra, encetámos uma investigação que nos ocuparia parte de 2018 e 2019. No entanto, essa iniciativa inscrevia-se numa

preocupação maior e não se poderia resumir à reunião de informação sobre a presença de Umberto Eco. Não era só este episódio que se pretendia resgatar do esquecimento. A motivação profunda que explica este tipo de investigação é o problema geral da Memória em Coimbra. Em nosso entender, é necessário contribuir para o resgate de uma parte da *“memória que dá espessura à história mediática de uma cidade”*² tão necessária para formar a identidade da cidade de Coimbra no presente. Por conseguinte, para além de recuperar a memória da estadia de Umberto Eco, ainda havia que garimpar, em momentos subsequentes, as histórias da passagem de H. C. Andersen, Günter Grass, Herta Muller, Simone de Beauvoir ou Olivier Rolin, entre muitos outros.

O texto que resultou dessa investigação recebeu o título “Em Busca de Umberto Eco” e veio a ser submetido ao Prémio de Jornalismo Adriano Lucas 2019. Trata-se de um texto jornalístico concebido enquanto reportagem sobre a investigação em curso e acabou por vencer o prémio. O texto veio a ser publicado no jornal *Diário de Coimbra* a 14 de dezembro de 2020 e o prémio foi-nos entregue em cerimónia pública no Salão Nobre da Câmara Municipal de Coimbra no mesmo dia, com a presença dos representantes das três entidades promotoras do prémio, a saber, João Luís Campos (pelo Diário de Coimbra), Delfim Leão (pela Universidade de Coimbra) e Carina Gomes (pela Câmara Municipal de Coimbra).

O presente texto resulta da necessidade de fixar de uma forma mais explícita as informações fundamentais apuradas durante aquela investigação. Pretendemos, nomeadamente, apontar de forma clara: (1) a data em que Umberto Eco esteve em Coimbra; (2) os espaços por onde andou; (3) que tipo de conferência foi a sua; (4) e quem teria sido a personalidade coimbrã a conduzi-lo pela Biblioteca Joanina. Deste modo, fizemos uma revisão dos apontamentos colhidos na

2 No discurso de aceitação do Prémio de Jornalismo Adriano Lucas.

investigação e introduzimos no novo texto uma ordem mais sistemática e menores preocupações jornalísticas, ampliando-o consideravelmente. Ao mesmo tempo, tomámos aqui a oportunidade de superar mal-entendidos e atenuar algumas zonas sombra que tenham ficado no texto original.

1. A presença em Coimbra

A presença de Umberto Eco em Coimbra nunca esteve em dúvida. Apesar de não existirem no domínio público relatos, ou outras evidências da estadia de Umberto Eco, a sua passagem por Coimbra foi sempre tomada por segura. De facto, com alguma facilidade conseguimos reunir provas mínimas que confirmam a estadia de Umberto Eco em Coimbra.

Em primeiro lugar, bastava consultar o *Curriculum Vitae* que se encontra *online* numa página associada à Universidade de Turim³, a universidade onde Umberto Eco se formou em Filosofia e onde recebeu um Doutoramento *Honoris Causa* em 2015, afinal um dos 39 *Honoris Causa* que recebeu ao longo da vida, para se constatar que Umberto Eco deu efetivamente três *Lectures* em Portugal (Coimbra, Lisboa e Porto).

Em segundo lugar, era conhecida uma afirmação na primeira pessoa, do próprio Umberto Eco, no livro *Obsessão do Fogo* quando declara que esteve em Coimbra e visitou a Biblioteca Joanina: “Agora, vou contar-lhes uma história divertida. Visitei a biblioteca de Coimbra, em Portugal” (Eco & Carrière, 2009, p. 281). Portanto, a visita é inequívoca, porque é confirmada pelo próprio Umberto Eco.

Em terceiro lugar, um certo conhecimento de Coimbra é evocado por meio de um personagem que Umberto Eco criou para *O Pêndulo de Foucault* e que funciona como uma prova indireta de que o autor

3 Consultar em: https://www.unito.it/sites/default/files/6curriculum_vitae_di_umberto_eco.pdf

esteve nela, que conheceu a cidade “por dentro”. O personagem principal desse romance, que se chama Casaubon, também é um intelectual e fez uma viagem a Portugal para estar presente numa conferência a realizar em Coimbra, na Universidade de Coimbra. Diz o narrador no capítulo 67: “por essa altura realizava-se em Coimbra um convénio sobre a cultura lusitana. Mais por desejo de me voltarem a ver que por homenagem à minha competência, os amigos do Rio de Janeiro conseguiram fazer-me convidar” (Eco, 2016, p.435).

Mais tarde, no decorrer da investigação, haveríamos de deparar com outras provas incontornáveis, como seria a notícia no *Diário de Coimbra*, o testemunho da professora Rita Marnoto e a assinatura no *Livro de Honra* do Instituto de Estudos Italianos.

2. A data da presença

Quanto à data em que ocorreu a passagem de Umberto Eco por Coimbra já não havia a mesma segurança. A única proposta visível de uma data precisa é a que se encontra no livro de Carlos Fiolhais e Paulo Mendes, *Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra*, apontando a hipótese de 1996. Diz Carlos Fiolhais: “O professor universitário e escritor italiano Umberto Eco quando visitou Coimbra, em 1996, ficou encantado com os morcegos, tendo divulgado a sua ação em declarações públicas que fez” (Fiolhais & Mendes, 2013, p.32).

Naturalmente, o primeiro passo da nossa investigação foi procurar confirmar a veracidade da sugestão de Carlos Fiolhais. Uma vez que não apontava o mês em que teria ocorrido a visita, consultámos a totalidade dos 365 números do *Diário de Coimbra* no ano de 1996, do primeiro ao último, e não conseguimos detetar qualquer pista sobre Umberto Eco. A única conclusão que pudemos retirar desse exame era que Umberto Eco não tinha estado em Coimbra em 1996.

A pesquisa exploratória subsequente levou-nos a estabelecer as seguintes convicções: Umberto Eco teve várias oportunidades de vir

a Portugal, mas nem em todas as ocasiões estive efetivamente em Coimbra. Uma primeira vaga de leitura dos artigos de jornal publicados aquando da morte de Umberto Eco, em 2016, indiciava que havia estado em Portugal nos anos de 1983 e 1984; a estas datas acrescentámos depois a data de 1988. Restava então confirmar a veracidade destas impressões.

Várias pistas apontavam para que a primeira viagem de Umberto Eco a Portugal tivesse ocorrido em 1983. Seria uma visita para promoção da sua primeira obra de ficção, o romance *O Nome da Rosa*. Uma obra que se tornou, logo à primeira, um *best-seller* capaz de acumular múltiplas edições e traduções em mais de 30 línguas; obra que em breve conheceria uma adaptação ao cinema por Jean-Jacques Annaud – logo com atores de peso, Sean Connery e Christian Slater. O romance *O Nome da Rosa* havia sido publicado em 1980 e nos anos seguintes fizeram-se traduções noutras línguas. A versão portuguesa acabaria por aparecer em 1983, na editora Difel e com tradução de Maria Celeste Pinto. A Difel era então uma editora recente que começava a ganhar prestígio com a publicação, nesse ano, da primeira versão em português de *Ulisses* de James Joyce e logo depois com *O Nome da Rosa* de Umberto Eco.

O lançamento de *O Nome da Rosa* aconteceu durante a segunda quinzena de novembro, como nos informa o *JL – Jornal de Letras, artes e ideias*, nº68. Tudo se fez para trazer Umberto Eco a Portugal na data em que a obra chegaria às bancas, mas as diligências iniciaram-se tarde e a agenda carregada do escritor não o permitiu. Portanto, apesar das expectativas da presença de Umberto Eco para o lançamento da tradução portuguesa, tal lançamento acabou por acontecer sem a presença do autor. Segundo a notícia breve do *JL*, na data pretendida Umberto Eco estaria nos Estados Unidos, tam-

bém em campanha de promoção de *O Nome da Rosa*, e, por essa razão, a visita de Umberto Eco só veio a acontecer no ano seguinte. A tiragem de quatro mil exemplares da primeira edição portuguesa esgotou-se ao fim de um mês⁴.

Na sequência do lançamento da tradução portuguesa em novembro, apareceram no *JL – Jornal de Letras, artes e ideias*, nº76, de 20 a 26 de dezembro, as primeiras reações de leitores profissionais. São três artigos ao todo, um de Augusto Abelaira, outro de Margarida Barahona, e uma nota breve de tom mais biográfico e académico de Eduardo Prado Coelho. No mesmo número aparece também um texto do próprio Umberto Eco, com o título “Construir um mundo”, a propósito dos processos de criação do seu romance. Assim se pretendeu preencher o vazio que a ausência física de Umberto Eco provocou entre os leitores portugueses.

Em conclusão, os artigos jornalísticos que apontam para a presença de Umberto Eco antes de 1984, nomeadamente os do *Observador*, são enganadores e o que descrevem como se tendo passado em 1983, passou-se na verdade em 1984⁵.

A primeira viagem de Umberto Eco a Portugal teve lugar em janeiro de 1984. Na sequência do lançamento da tradução portuguesa e a convite do Instituto Italiano de Cultura, cujo diretor era Paolo Angelelli, tal viagem tinha objetivos mais amplos que a simples promoção de um livro e seu autor. Era uma ocasião para promover a cultura italiana em Portugal, o que explica os inúmeros eventos planeados

4 *Jornal Diário de Notícias*. Nº41942 (11 jan. 1984).

5 Em o *Observador* afirma-se o seguinte: “A visita a Tomar não foi a primeira de Eco a Portugal. Antes disso, já tinha estado em Lisboa pouco depois do lançamento de *O Nome da Rosa*, em 1983”. No mesmo texto afirma-se: “De tal forma que no ano seguinte, em 1984, quando Eco voltou a visitar Tomar para se inspirar para o próximo livro, também publicado pela Difel, *O Nome da Rosa* já ia na sexta edição” (texto de Clara Silva, 22 fevereiro de 2016).

ao longo de três ou quatro dias. Estava planeada a realização de conferências nas três grandes universidades do país, Lisboa, Porto e Coimbra. A imprensa nacional, por exemplo o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias*, deram relevante cobertura à passagem de Umberto Eco por Portugal.

No que diz respeito à etapa de Coimbra, encontrámos na imprensa local provas da passagem do milanês. Numa edição de sexta-feira do *Diário de Coimbra*, dia seis de janeiro, aparece na rúbrica “Vida Académica” uma notícia com o título “Professor Umberto Eco em Coimbra” anunciando que na segunda-feira seguinte, dia nove de janeiro, às nove horas da manhã, Umberto Eco estaria na Faculdade de Letras para proferir uma conferência. O texto que se encontra no *Diário de Coimbra* é o seguinte:

“Por ocasião da visita que faz a Portugal para o lançamento da versão portuguesa da sua última obra de ficção “Il Nome Bella (sic) Rosa”, Umberto Eco, professor de Semiótica na Universidade de Bolonha, virá à Universidade de Coimbra.

Por iniciativa do Instituto de Estudos Italianos da Faculdade de Letras, o professor Umberto Eco (nome bem conhecido pelos seus trabalhos nos domínios da Estética Medieval, da Poética e da Semiótica, entre os quais se destacam “Ópera Aperta”, “Le Poetische Di Joyce”, “La Structura Assente”, “Il Problema Estético in Tommaso d’Aquino” e o “Trati Semiótica Generale”) fará uma conferencia no Anfiteatro II daquela Faculdade, às 9 horas da próxima segunda-feira, seguindo depois para o Porto”.

Há, no entanto, nesta notícia um desvio em relação à realidade. Apesar de se anunciar na notícia do *Diário de Coimbra* que a conferência teria lugar no Anfiteatro II da FLUC, tanto Rita Marnoto como Cristóvão de Aguiar, no livro *Relação de Bordo* (Campo das Letras, 1999), se recordam que a conferência teve lugar no espaço maior que

era o Teatro Paulo Quintela. É perfeitamente natural que se tenha previsto o Anfiteatro II, que é um dos maiores da faculdade, mas que a afluência tenha sido tão grande que se tenha transferido o evento para o Teatro Paulo Quintela.

A segunda viagem de Umberto Eco a Portugal foi em 1988. A primeira pista que nos levou a identificar esta segunda viagem foi encontrada numa entrevista que o jornalista José Rodrigues dos Santos lhe fez. Nessa entrevista, Umberto Eco afirma que a sua última estadia em Portugal foi no ano do grande incêndio de Lisboa. Ora, o incêndio do Chiado foi em 1988, ano do lançamento de *O Pêndulo de Foucault*. Mas a presença de Umberto Eco em Portugal nesse ano não se explica pela promoção do livro e sim pela sua participação no Ciclo de Conferências *Balanço do Século* promovido por Mário Soares, que era então o Presidente da República. Umberto Eco foi um dos intelectuais convidados, entre outros, como Karl Popper, Norberto Bobbio, Manfred Eigen ou Mário Vargas Llosa, para esse ciclo de conferências que se realizou em Lisboa, na Gulbenkian. A conferência de Umberto Eco teve lugar a 11 de fevereiro de 1988 e foi apresentado por Eduardo Prado Coelho, a quem se deve também a revisão científica da tradução da sua conferência “O Irrracional, o Misterioso, o Enigmático”. Consta que foi neste contexto que conheceu José Saramago. Quisemos confirmar a hipótese de Umberto Eco também se ter deslocado a Coimbra, mas analisados os números do *Diário de Coimbra* do mês de fevereiro não se encontrou a mínima referência à passagem da celebridade por Coimbra.

Uma última nota neste ponto das viagens a Portugal: enquanto tentávamos filtrar a pletora de informação que se encontra na internet, demos conta de uma notícia de 2015 que apresentava Umberto Eco como convidado de um congresso organizado pela Universidade

do Minho. Trata-se do “Congresso Internacional Culturas(s) em Negativo”, que se realizou em outubro desse ano, mas que acabou por não contar com a participação de Umberto Eco. Em outubro de 2015, já estaria incomodado pela doença oncológica que lhe provocou a morte em fevereiro de 2016.

Rematando esta verificação dos factos, concluímos que Umberto Eco se deslocou duas vezes a Portugal e apenas em 1984 esteve efetivamente em Coimbra. Por conseguinte, é para janeiro de 1984 que vamos lançar agora o nosso olhar.

3. Que itinerários?

Quanto aos espaços que conheceram a presença de Umberto Eco só havia certezas quanto à Biblioteca Joanina, porque é o próprio quem o afirma, e quanto à FLUC, se tivermos em conta a notícia no jornal *Diário de Coimbra*. Quanto à forma como decorreu a estadia, que itinerários tomou e outros pormenores, de nada se sabia. Neste ponto o testemunho da Prof. Rita Marnoto foi fundamental para lançar alguma compreensão sobre a sequência de eventos. Cruzando a informação providenciada por Rita Marnoto com a informação prestada por Luís Graça, antigo diretor do Convento de Cristo, juntamente com as notícias de alguns jornais nacionais, podemos reconstituir a sequência dos acontecimentos do modo que a seguir se apresenta.

No domingo, dia 8 de janeiro de 1984, Umberto Eco e sua esposa fizeram uma deslocação em carro de Lisboa para norte. A acompanhar o casal Eco vinha pessoal do Instituto Italiano de Cultura, nomeadamente o seu diretor Paolo Angeleri, e jornalistas italianos da Agenzia Ansa. Antes de chegar a Coimbra fez um desvio propositado para Tomar, pois pretendia visitar o castelo dos templários. Afinal uma visita relevante, pois aquele edifício viria a ocupar um lugar central no enredo de *O Pêndulo de Foucault* (1988), o romance que publicou logo a seguir a *O Nome da Rosa* (1980). Segundo os depoimentos

que Luís Graça deu ao *Observador*, a visita a Tomar aconteceu “num domingo chuvoso” e foi uma passagem rápida, ainda que “mais de uma hora de visita”.

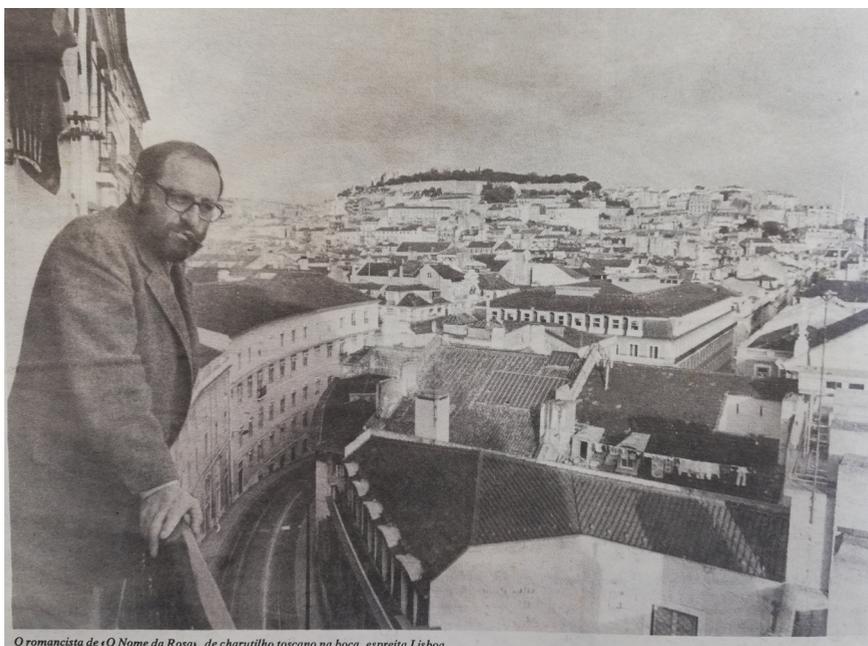
Depois da visita a Tomar, Umberto Eco prosseguiu para norte, muito provavelmente pela estrada nacional N110, e terminou a viagem no Bussaco, pois ficou alojado no *Palace Hotel* do Bussaco. De acordo com as memórias de Rita Marnoto, Umberto Eco foi agraciado com um jantar, nessa noite, na grande sala de jantar do *Palace Hotel*.

Na manhã seguinte, dia 9 de janeiro, Umberto Eco deslocou-se para Coimbra, pois esperavam-no às nove horas para a conferência que se realizou na Faculdade de Letras. Como já dissemos, a conferência decorreu no espaço que hoje se chama Teatro Paulo Quintela e, segundo o testemunho de Rita Marnoto, a sala estava a “abarrotar” – o espaço tem cerca de 400 lugares sentados. Provavelmente, foi depois da conferência que visitou o espaço do Instituto de Estudos Italianos, onde assinou o *Livro de Honra* do instituto. Ainda nessa manhã, Umberto Eco foi conduzido aos espaços históricos do Paço das Escolas, mas não sabemos se visitou tudo ou se visitou apenas a Biblioteca Joanina. Supomos que por volta do meio-dia estaria terminando a visita de Umberto Eco a Coimbra.

Não conseguimos apurar se a comitiva italiana almoçou em Coimbra antes de partir para o Porto. Conhecendo os trajetos de então para norte (pela N1) podemos supor que tenha almoçado na zona da Bairrada onde lhe serviram o Leitão à Bairrada. De qualquer modo não chegou ao Porto no horário previsto. Se na sexta-feira o *Jornal de Notícias* anunciava que Umberto Eco chegaria à Faculdade de Letras pelas 12:30, na terça-feira o mesmo jornal informava que tinha chegado “entre as 13 e as 14 horas”. O programa era carregado: uma conferência na FLUP, sendo o autor apresentado por Norma Tasca (presidente da Associação Portuguesa de Semiologia); uma conferência de imprensa na *Livraria Diário de Notícias* com Arnaldo

Saraiva, seguida de sessão de autógrafos; e à noite mais um evento promovido pela Associação Portuguesa de Escritores.

No dia seguinte, 10 de janeiro, partiu para Lisboa onde o esperavam, às 11 horas, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica. Seguiu-se um almoço com convidados no restaurante *Tágide*, durante o qual decorreu a entrevista de Fernando Assis Pacheco. A fotografia mais conhecida que ilustra a presença de Umberto Eco em Portugal foi tirada numa varanda desse restaurante. Um dos convidados era Eduardo Prado Coelho. Seguiu-se uma conferência de imprensa no Instituto Italiano de Cultura (Rua do Salitre, 146). Por fim uma sessão de autógrafos na livraria Bertrand do Chiado (Rua Garrett, 75).



Fotografia de UE em Lisboa publicada no JL nº79 em 1984

4. Que tipo de conferência foi a de Coimbra?

Uma outra questão que nos preocupava era determinar a natureza da conferência que Umberto Eco proferiu em Coimbra. Seria uma

daquelas conferências de perfil académico, muito próximas das áreas da sua docência, a Semiótica e a Estética Medieval, ou seria uma daquelas conferências que tiveram impacto mediático por revelarem o olhar peculiar de Umberto Eco sobre o novo mundo da comunicação? Será que a de Coimbra poderia pertencer à família de conferências famosas, como as *Tanner Lectures*, de Clare Hall, Cambridge, “Interpretação e Sobreinterpretação” (1990), ou a conferência “From Internet to Gutenberg” na Columbia University (1996)? Bom, a conferência de Coimbra é bem anterior às mais famosas conferências de Umberto Eco. Segundo o testemunho de Cristóvão de Aguiar, em *Relação de Bordo*, “discorreu sobre semiótica na Antiguidade, com especial incidência em Santo Agostinho” (Aguiar, 1999, p.317). Nota-se inclusive um tom de certa insatisfação quando comenta, “nem sequer falou de O Nome da Rosa” (Aguiar, 1999, p.317). Infelizmente não encontramos um exemplar do texto da conferência e não encontramos indicação se alguma vez foi publicada. É, portanto, de crer que a conferência teria um padrão académico.

Suspeitamos, inclusive, que Umberto Eco não trouxe três conferências diferentes, mas apenas um texto para as três conferências. Alimenta esta suspeita o facto de tanto os jornalistas do Porto, no *Jornal de Notícias*, como os de Lisboa, no *Diário de Notícias*, procederem à mesma apresentação da articulação entre os métodos de investigação (dedutivo, indutivo e abdução) em Peirce e a narrativa nos romances policiais. No *Jornal de Notícias* há um texto, destacado numa caixa, com o título “Paralelo entre as Lógicas Policiais de Sherlock Holmes e Auguste Dupin” que poderá ser um título roubado ao título da conferência de Umberto Eco. De qualquer forma, o texto poderá ter derivado do seu contributo no livro editado em inglês, *The Sign of Three: Dupin, Holmes, Peirce* (Indiana University Press, 1983), no qual se exploram os processos lógicos dos investigadores policiais nas narrativas policiais de Conan Doyle e Edgar Allan Poe, à luz da lógica de Peirce e, sobretudo, tendo em conta o problema da abdução.

Se quanto à natureza do texto já temos pistas, que se poderá dizer quanto à *performance* de Umberto Eco? Nos jornais que consultámos descobrimos várias referências ao “*humor bem vivo*”, ao “*fascinante espetáculo*” do conferencista. Eduardo Prado Coelho, que o ouviu em Lisboa, situa o estilo conferencista de Umberto Eco do seguinte modo: “*o falante multiplica flashes sobre mil e uma coisas – é a conferência “allumeuse”, que é pródiga em sinais, insinuações, piroetas, cabriolas, momentos de evidência e de deslumbramento – é o estilo Eduardo Lourenço ou Umberto Eco*” (Coelho, 1992, p.80).

5. Quem teria sido a personalidade coimbrã a guiá-lo na Biblioteca Joanina?

Não temos dúvidas de que a visita da Biblioteca Joanina tenha sido, para Umberto Eco, um dos pontos altos da sua passagem por Coimbra. Por certo que não foi a exuberância do barroco que o espantou, pois em Milão também abundam as criações barrocas. Tudo indica que o momento de maior entusiasmo para o milanês foi a surpresa de descobrir uns “bibliotecários” especiais na biblioteca conimbricense: os morcegos. Este pormenor dos morcegos na Joanina, que tem hoje uma certa importância turística, algo folclórica, foi analisado no olhar de Umberto Eco de um modo diferente.

O impacto foi tal que guardou disso memória e valeu um comentário no livro *A Obsessão do Fogo* (Difel, 2009). Esse livro, originalmente publicado em francês, *N'espérez pas vous débarrasser des livres* (Éditions Grasset & Fasquelle, 2009) é basicamente uma conversa entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, mediada por Jean-Philippe de Tonnac, a propósito do universo dos livros, do valor do livro e da importância do livro, do qual resulta a sentença: “*o livro não morrerá*”. Num capítulo em que se abordam as dificuldades de preservação e conservação que os livros enfrentaram no correr dos séculos, acode à memória de Umberto Eco a visita à Biblioteca Joanina. Diz-nos o texto:

"(...) porque os livros custavam infinitamente mais do que hoje. Um manuscrito custava uma fortuna. De tal modo que por vezes era preferível copiá-lo à mão em lugar de o comprar.

Agora, vou contar-lhes uma história divertida. Visitei a biblioteca de Coimbra, em Portugal. As mesas estavam revestidas de um pano de feltro verde, um pouco como mesas de bilhar. Pergunto as razões dessa proteção. Respondem-me que é para proteger os livros dos excrementos dos morcegos. Porque não eliminá-los? Muito simplesmente porque eles comem os vermes que atacam os livros" (Eco & Carrière, 2009, p. 281).

Portanto, Umberto Eco não imaginava que esse método de proteção usado em algumas bibliotecas antigas pudesse encontrar-se nos dias de hoje. Era uma surpresa encontrar numa biblioteca viva e funcional os descendentes dos morcegos que um dia, em meados do séc. XVIII, foram ali propositadamente largados (e não casualmente) para eliminarem as traças e outros insetos capazes de causar dano a tantos livros juntos. Diga-se, para que não restem dúvidas, que por vezes ainda se podem encontrar os morcegos, hoje, mas não fazem parte de um plano oficial de proteção biblioteconómica.

No entanto, aquele método natural tem vários inconvenientes que chocam com os interesses dos bibliotecários. Por um lado, os excrementos ácidos que podem danificar livros e mobiliários em geral e, por outro, sem a ação dos insetos sobre os livros são menores as pistas interpretativas para os bibliotecários datarem os livros antigos. Como refere Umberto Eco, *"ao mesmo tempo, o verme não deve ser radicalmente proscrito e condenado. É a passagem do verme pelo interior do incunábulo que nos permite saber de que modo as folhas foram ligadas, se não há partes mais recentes que outras"* (Eco & Carrière, 2009, p. 281). Para esclarecer o intrincado dilema que aflige os bibliotecários e outros especialistas que lidam com livros antigos, citaremos a explicação experimentada no texto anterior, já publicado no *Diário de Coimbra*:

“Se, por um lado, os morcegos protegem os livros ao eliminarem os insetos, nomeadamente as traças, que podem danificar as folhas de papel que constituem o livro, por outro, privam os estudiosos de um meio de datação dos vários fólhos que constituem um códice e, em consequência, impedem uma possível interpretação da história concreta do códice em questão. Por exemplo: se no mesmo códice encontramos fólhos perfurados de túneis de vermes e outros não, isso quer dizer que a montagem em livro é tardia e agrupa fólhos de diferentes épocas. Sem as marcas dos vermes no papel, esta leitura do livro como objecto não seria possível.”
(Diário de Coimbra, nº 2020)

Quem teria sido a personalidade que guiou Umberto Eco pelas singularidades da Joanina? Quisemos acreditar que teria sido o próprio diretor da Biblioteca, então o historiador Luís de Albuquerque, quem conduziu a visita, e fomos procurar provas disso mesmo. Primeiro fomos à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra consultar o Espólio de Luís de Albuquerque, mas não encontramos documentos de natureza pessoal onde pudesse estar registada informação a este propósito, apenas documentos de carácter científico e académico. Seguidamente, entrámos em contacto com a filha de Luís de Albuquerque, a arquiteta Maria Helena Albuquerque, e perguntámos-lhe se se recordava de alguma vez ter ouvido o pai falar de Umberto Eco. Perguntámos-lhe também se havia um *Diário* ou agendas onde se pudesse confirmar o paradeiro de Luís de Albuquerque no dia da passagem de Umberto Eco por Coimbra. Maria Helena Albuquerque disse-nos que não guardava memória do pai alguma vez ter referido Umberto Eco em Coimbra. Nada acrescentou quanto a Diários ou agendas⁶. Confessou, no entanto, que tem em casa maços de cartas

⁶ Embora Maria Helena Albuquerque tenha desviado a atenção sobre a existência de Diários, sabemos pelo testemunho de Cristóvão de Aguiar que Luís de Albu-

de anos de correspondência de Luís de Albuquerque que ainda não leu e que ainda não entregou à Universidade de Coimbra. Assim, terminámos esta etapa sem uma prova cabal do envolvimento de Luís de Albuquerque e sem saber mesmo se Luís de Albuquerque estava na cidade no dia nove de janeiro de 1984.

Por que razão nos parece pertinente averiguar a identidade do guia de Umberto Eco? Porque o encontro entre dois sábios da estirpe de Luís de Albuquerque e Umberto Eco só poderia gerar um episódio memorável. Se efetivamente estiveram juntos, se efetivamente falaram um com o outro, como se entenderam? O que terão conseguido partilhar?

Na ausência de Luís de Albuquerque, uma hipótese a considerar seria o Bibliotecário José Barbosa, que foi durante muito tempo o responsável pelo Fundo Antigo, além de amigo pessoal de Luís de Albuquerque. Contactámos o filho de José Barbosa e perguntámos se recordava do pai alguma menção a propósito de Umberto Eco em Coimbra. Infelizmente, também José Severo Biscaia de Abreu Barbosa não guarda qualquer recordação que se relacione com a presença de Umberto Eco em Coimbra. No entanto, admitiu que em várias ocasiões José Barbosa se prestou a um papel de cicerone conduzindo alguns visitantes pela Biblioteca Joanina, de modo que não deixa de ser verosímil que, na ausência de Luís de Albuquerque, tenha sido José Barbosa o guia.

6. Reflexões finais

Apesar da importância de Umberto Eco, que já era uma figura muito conhecida em 1984, a sua passagem por Coimbra não dei-

querque dispunha de cadernos onde registava memórias. A propósito da relação entre Paulo Quintela e Luís de Albuquerque escreve: *"Este seu velho amigo é um verdadeiro grafómano: desde os finais dos anos trinta mantém meticulosamente um diário. Sempre que Paulo Quintela pretende refrescar a memória acerca de um acontecimento que já se lhe esfumou da lembrança, é para o seu velho amigo que apela"* (Aguiar, 2005, p.26).

xou muitos registos. O próprio *Anuário da Universidade de Coimbra* referente a 1984 é omissivo quanto à visita de Umberto Eco. O escritor Miguel Torga não mostra conhecimento da passagem de Umberto Eco no seu *Diário* publicado (Vol. XIV). Não encontramos fotografias no fundo da Imagoteca e a entrevista que teria sido feita por um jornalista da RDP Centro, informa-nos o Arquivo da RTP em Lisboa, perdeu-se. Só o escritor Cristóvão de Aguiar registou o facto, escrevendo umas breves e vagas palavras no diário publicado *Relação de Bordo*, mas sem atenção à data precisa da passagem de Umberto Eco. Parece que a cidade não reagiu, não despertou para a presença da celebridade. Sem divulgação, poucos se deram conta.

Há uma assinalável desproporção de quantidade e qualidade entre a atenção prestada pela imprensa local conimbricense e a imprensa de Lisboa e Porto. A prestação do *Diário de Coimbra* resume-se a uma única peça publicada no dia seis de janeiro, uma peça que aparenta ser uma mera transcrição de uma nota de imprensa fornecida pela FLUC ao jornal. A passagem de Umberto Eco pelo Porto mereceu largo destaque no *Jornal de Notícias*, com três textos em dois números e várias fotografias. A passagem por Lisboa deu aso a dois artigos em dois números do *Diário de Notícias* e a uma longa entrevista de Fernando Assis Pacheco publicada no *JL – Jornal de Letras, artes e ideias*, nº79.

A estadia de Umberto Eco na região de Coimbra compreende-se entre Domingo, dia oito, e Segunda-feira, dia nove, de janeiro de 1984. Pernoitou nas cercanias, num hotel de referência, e permaneceu uma manhã inteira na cidade de Coimbra. Infelizmente, a Universidade de Coimbra não entrou na ficção de Umberto Eco, não germinou no imaginário de milhões de leitores como aconteceu com a cidade de Tomar. O milanês passou muito mais tempo em Coimbra do que em Tomar, onde só esteve cerca de uma hora, mas foi afinal Tomar que adquiriu um vínculo célebre com o escritor milanês. Enquanto que o castelo templário de Tomar foi mergu-

lhado na engrenagem ficcional do romance *O Pêndulo de Foucault*, a Universidade de Coimbra foi apenas tocada de raspão, ficou circunstancial e acessória naquela história.

Mas se Umberto Eco tivesse sido informado que Coimbra havia sido a capital de Portugal e que então a cidade estava repleta de templários, talvez o romance tivesse tomado outro rumo. No tempo do primeiro rei português os templários eram uma presença permanente e explícita, estavam encarregues da defesa das muralhas da cidade, controlavam a passagem da ponte, da qual detinham os direitos da portagem (Anjinho, 2016, p. 1437), e tinham o quartel-general a curta distância, em Soure. Enquanto guardiães da capital, teriam privilégios de alta segurança para guardar segredos próprios a coberto de interesses do rei – que, por exemplo, guardava o tesouro real na torre de menagem, na cidadela. Teria sido tão fácil imaginar que numa capital tão segura, afinal o Graal também poderia ter sido escondido na cidadela de Coimbra.

BIBLIOGRAFIA

Fontes:

Correspondência com Rita Marnoto.

Entrevista telefónica com Maria Helena Albuquerque.

Entrevista telefónica com José Severo Biscaia de Abreu Barbosa.

Referencias bibliográficas:

AGUIAR, Cristóvão de - *Relação de bordo*. Porto : Campo das Letras, 1999. ISBN 972-610-158-1.

AGUIAR, Cristóvão de - *Com Paulo Quintela à mesa da tertúlia : no centenário do seu nascimento*. 2ª edição refundida e aumentada. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2005. ISBN 978-989-26-0418-3.

ANJINHO, Isabel Maria de Moura - *Fortificação de Coimbra : das origens à modernidade*. [em linha]. Coimbra : [s.n.], 2016. 3 vol.

Disponível em [www:<URL:http://hdl.handle.net/10316/31013>](http://hdl.handle.net/10316/31013).

- ANUÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Coimbra : Serviço de Documentação e Publicações da Universidade, 1984.
- COELHO, Eduardo Prado - *Tudo o que não escrevi*. 2ª ed. Porto : Edições Asa, 1993. 2 vol. ISBN 972-41-1275-6.
- DIÁRIO DE COIMBRA. A. 54, nº 18047 (6 jan. 1984).
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Nº 41938 (7 jan. 1984).
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Nº 41942 (11 jan. 1984).
- ECO, Umberto & Carrière, Jean-Claude - *A Obsessão do Fogo*. Lisboa : Difel, 2009. ISBN 978-972-29-0964-8.
- ECO, Umberto - *O Pêndulo de Foucault*. Lisboa : Gradiva, 2016. ISBN 978-989-616-717-2.
- FIOLHAIS, Carlos & Mendes, Paulo - *Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2013. ISBN 978-989-26-0693-4.
- GIL, Fernando (org.) - *Balanço do Século : Ciclo de Conferências promovido pelo Presidente da República*. Lisboa : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.
- JL : *Jornal de Letras, artes e ideias*. Nº 41 (14/27 set. 1982).
- JL : *Jornal de Letras, artes e ideias*. Nº 68 (27 set./10 out. 1983).
- JL : *Jornal de Letras, artes e ideias*. Nº 76 (20/26 dez. 1983).
- JL : *Jornal de Letras, artes e ideias*. Nº 79 (10/16 jan. 1984).
- JORNAL DE NOTÍCIAS. Nº 209 (6 jan. 1984).
- JORNAL DE NOTÍCIAS. Nº 213 (10 jan. 1984).
- LER : *Livros & Leitores*. Nº 101 (abr. 2011).
- SANTOS, J. Rodrigues dos - *Conversas de escritores: diálogo com os grandes autores da literatura contemporânea*. Lisboa : Gradiva, 2010. ISBN 978-989-616-366-1.
- SILVA, Clara - O umbigo do mundo de Umberto Eco era em Portugal [em linha]. *Observador*. 22 fev. 2016. [consult. em 29 nov. 2021]. Disponível em [www:<URL:https://observador.pt/2016/02/22/umbigo-do-mundo-umberto-eco-era-portugal/>](https://observador.pt/2016/02/22/umbigo-do-mundo-umberto-eco-era-portugal/).
- TORGA, Miguel - *Diário*. Coimbra : Gráfica de Coimbra, 1987. Vol. XIV.